

UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS
BACHARELADO INTERDISCIPLINAR EM CIÊNCIAS HUMANAS

Filipe Fontoura Polonini

**O QUE HÁ ENTRE OS SALTOS E O CHAPÉU: OS DEBATES QUE PERPASSAM A
CATEGORIA DE GÊNERO CHAMADA “FLUIDO”**

Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel (Trabalho de Conclusão de Curso). Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos

Juiz de Fora
2019

DECLARAÇÃO DE AUTORIA PRÓPRIA E AUTORIZAÇÃO DE PUBLICAÇÃO

Eu, **FILIFE FONTOURA POLONINI**, acadêmico do Curso de Graduação Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Juiz de Fora, regularmente matriculado sob o número 201772150A, declaro que sou autor do Trabalho de Conclusão de Curso intitulado **O QUE HÁ ENTRE OS SALTOS E O CHAPÉU: OS DEBATES QUE PERPASSAM A CATEGORIA DE GÊNERO CHAMADA “FLUIDO”**, desenvolvido durante o período de Agosto de 2019 a Novembro de 2019 sob a orientação do Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos, ora entregue à UNIVERSIDADE FEDERAL DE JUIZ DE FORA (UFJF) como requisito parcial a obtenção do grau de Bacharel, e que o mesmo foi por mim elaborado e integralmente redigido, não tendo sido copiado ou extraído, seja parcial ou integralmente, de forma ilícita de nenhuma fonte além daquelas públicas consultadas e corretamente referenciadas ao longo do trabalho ou daquelas cujos dados resultaram de investigações empíricas por mim realizadas para fins de produção deste trabalho.

Assim, firmo a presente declaração, demonstrando minha plena consciência dos seus efeitos civis, penais e administrativos, e assumindo total responsabilidade caso se configure o crime de plágio ou violação aos direitos autorais.

Desta forma, na qualidade de titular dos direitos de autor, autorizo a Universidade Federal de Juiz de Fora a publicar, durante tempo indeterminado, o texto integral da obra acima citada, para fins de leitura, impressão e/ou download, a título de divulgação do curso de Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas e ou da produção científica brasileira, a partir desta data.

Por ser verdade, firmo a presente.

Juiz de Fora, ____ de _____ de _____.

Filipe Fontoura Polonini

Marcar abaixo, caso se aplique:

Solicito aguardar o período de () 1 ano, ou () 6 meses, a partir da data da entrega deste TCC, antes de publicar este TCC.

OBSERVAÇÃO: esta declaração deve ser preenchida, impressa e **assinada** pelo aluno autor do TCC e inserido após a capa da versão final impressa do TCC a ser entregue na Coordenação do Bacharelado Interdisciplinar de Ciências Humanas.

O QUE HÁ ENTRE OS SALTOS E O CHAPÉU: OS DEBATES QUE PERPASSAM A CATEGORIA DE GÊNERO CHAMADA “FLUIDO”

Filipe Fontoura Polonini¹

RESUMO

Para este trabalho, tenho como objetivo fomentar discussões sobre a categoria de gênero chamada “fluido” que surge na cena contemporânea dos estudos de gênero, numa tentativa de chamar atenção para debates importantes em áreas mais específicas deste campo. Dessa forma, construo uma base teórico-argumentativa pautada por diversos autores que dirigem suas pesquisas para a área de gênero para explicar a desnaturalização e a desconstrução das categorias de “sexo”, gênero e sexualidade. Discuto ainda pontos importantes que perpassam a vivência dos indivíduos que se compreendem nesta identidade de gênero, como o ato performativo. Para uma pesquisa com resultados mais compreensíveis e próximos da realidade prática, realizo também uma análise de discursos de pessoas que se compreendem como gênero fluido, em que estes contam os desafios de suas trajetórias e pontos de tensão em suas vivências como gênero não-binário.

PALAVRAS-CHAVE: Relações de gênero. Identidade. Gênero fluido. Binaridade. Performatividade.

WHAT'S BETWEEN HIGH HEELS AND HATS: THE DEBATES CONCERNING THE GENDERFLUID CATEGORY

Filipe Fontoura Polonini²

ABSTRACT

The objective of this project is to promote discussions around the genderfluid gender category, which is new to the gender studies field, in an attempt to bring about debates around more specific branches of such field. Therefore, a theoretical and argumentative foundation is built, supported in several authors whose research is directed towards the gender field in order to explain the denaturalization and deconstruction of the "sex", gender and sexuality categories. Furthermore, important topics concerning the experiences of those identifying this gender identity are discussed, such as the performative aspect. For a more in-depth and real-life representational research, an analysis of a few discourses from genderfluid-identifying individuals in which they share the challenges and troubles they've faced as non-binary people is driven.

KEYWORDS: Gender relations. Identity. Genderfluid. Binarism. Performativity.

1. INTRODUÇÃO

Neste artigo, tenho como objetivo abordar as diversas problematizações que surgem com as novas identidades de gênero no mundo contemporâneo e que necessitam maior atenção, usando como base para o estudo a categoria de gênero chamada fluido. As discussões sobre as questões de gênero vêm crescendo nos últimos anos e com isso nota-se uma tentativa cada vez mais forte de romper com os tabus que rondam esses debates. Há, entretanto, tanto na categorização do que seja “gênero”, como no que seja “sexo” e/ ou “sexualidade”, uma visão de senso comum que coloca essas categorias como aspectos intrínsecos e imutáveis de cada indivíduo. Além disso, essas são três categorias que apesar de relacionadas, não se apresentam coladas, embora o senso comum tenha passado a entendê-las dessa maneira engessada.

¹ Graduando em Ciências Humanas pela Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF. E-mail: poloninifilipe@gmail.com. Artigo apresentado ao Bacharelado Interdisciplinar em Ciências Humanas como requisito parcial para obtenção do grau de Bacharel. Orientador: Prof. Dr. Raphael Bispo dos Santos.

² Graduating in Human Sciences from the Federal University of Juiz de Fora – UFJF. E-mail: poloninifilipe@gmail.com. Article presented to the Interdisciplinary Bachelor in Human Sciences as a partial requirement to obtain a Bachelor's degree. Advisor: Dr. Raphael Bispo dos Santos.

Devido a essas compreensões limitadas, grupos de movimentos políticos conservadores e fundamentalistas religiosos surgem para combater a intitulada “ideologia de gênero” e defender a “moralidade tradicional”, caracterizando as pessoas que fogem das normativas padronizadas e aceitas de sexo, gênero e sexualidade como anormalidades, aberrações, possessões demoníacas, entre outros nomes. Se tornou muito comum ouvir desses grupos frases como, por exemplo: “Menino veste azul e menina veste rosa”³ ou “Menino já nasce menino e menina já nasce menina”⁴, numa tentativa de justificar que a “tradição” que defendem existir deve permanecer intacta e indiscutida, além de afirmar sua ideia de que o gênero é natural, sendo biologicamente definido em cada indivíduo desde o nascimento. O atrito gerado por esses movimentos é forte e impede o pensamento da sociedade de caminhar rumo a uma maior aceitação da diversidade e das diferenças de cada pessoa.

E os chamados “gênero fluido”, onde se encaixam nessa cena contemporânea? Os indivíduos que se identificam como “gênero fluido” possuem uma identidade não-binária, isto é, percebem-se como pessoas que transitam entre os gêneros masculino e feminino. Essas são as pessoas fazem parte das chamadas anormalidades apontadas pelos “tradicionalistas”. O gênero fluido, da mesma forma que outros gêneros não-binários existentes — como por exemplo os agênero, gênero neutro, intergênero, entre outras⁵ — implica na quebra da normativa do padrão de binaridade de gênero em que existiria apenas o feminino e o masculino, buscando questionar os padrões aceitos pela sociedade dita “tradicional”. Por isso, afirmar-se gênero não-binário é, acima de tudo, um ato político.

Inseridos num contexto contemporâneo, as formas de classificação como “gênero fluido” dialogam com um contexto histórico das sexualidades muito específico do ocidente, que não quer dizer que não existiam antes desse momento. Assim como outras identidades não-binárias, os fluidos participam de um cenário geral de desmapeamento e transitoriedade de gênero em que sua vivência coloca em questionamento preceitos tradicionais que são fixados e aceitos devido ao fato de constantemente deslocar o entendimento que é esperado pela sociedade de um indivíduo.

Ao se analisar as implicações de se afirmar a existência de um gênero que seja fluido, cria-se também uma situação de dualidade com lados bem definidos e que precisam ser cuidadosamente pensados, na qual me proponho debruçar e analisar com mais atenção. Dessa forma, para este artigo é necessário pontuar e explicitar cada aspecto que forma a crítica que virá a ser realizada, que foi construída por meio de um levantamento bibliográfico de importantes obras e autores dos estudos de gênero dos últimos anos.

Portanto, o texto se divide em quatro seções, em que na primeira seção utilizo de pressupostos teóricos baseados em estudos da antropóloga Margaret Mead (1901-1978) e da filósofa Judith Butler (1956-) para abordar a desnaturalização e a construção das categorias de sexo, gênero e sexualidade enquanto parte de cada indivíduo, realçando o caráter social desta experiência. Na segunda parte, apresento a problemática que gira em torno do gênero fluido e levanto questionamentos pertinentes para discutir esta categoria de gênero. Nesta seção, além das estudosas já mencionadas anteriormente, utilizo de arcabouços teóricos construídos por autoras e autores como Guacira Lopes Louro (1945-), Richard Miskolsi (1971-) e Henrietta Moore (1957-). Na terceira seção, por meio de vídeos publicados na plataforma YouTube, realizo a análise de narrativas de indivíduos que se identificam como gênero fluido, numa tentativa de conhecer aspectos significativos da vivência dessas pessoas e perceber em que pontos a teoria e a realidade se cruzam. Por fim, na conclusão, apresento um panorama geral obtido após os debates realizados ao longo do trabalho e tento fechar as lacunas abertas para um melhor entendimento do texto e maior coesão das ideias e argumentações abordadas.

2. PRESSUPOSTOS TEÓRICOS

2.1. A DESNATURALIZAÇÃO DO “SEXO”/GÊNERO

³ Frase dita pela ministra da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos, Damares Alves, quando a mesma participou da cerimônia de transmissão de posse do cargo no dia 2 de janeiro de 2019. A ministra foi indicada pelo atual presidente do Brasil, Jair Messias Bolsonaro.

⁴ Frase amplamente utilizada por movimentos políticos conservadores e fundamentalistas religiosos para combater o que chamam de “ideologia de gênero”. A afirmação vai de encontro às noções básicas de estudiosos sobre gênero e sexualidade que defendem a construção social.

⁵ Agêneros são os indivíduos que não se identificam com gênero algum, mas também é usado para definir um gênero que é neutro; aqueles que se identificam como gênero neutro podem se entenderem como neutros ou como um gênero entre dois gêneros binários; intergênero é uma categoria de identificação influenciada pela intersexualidade, portanto é usada apenas por pessoas intersexo.

No que diz respeito às relações de gênero na nossa sociedade, podemos observar a diferenciação binária existente entre os gêneros masculino e feminino enraizada em todos os âmbitos da vida. Atualmente, vemos se tornar populares os chás de revelação, festas realizadas antes do nascimento do bebê para se revelar o sexo da criança para os pais. Os chás de revelação normalmente acontecem de forma que a atribuição de uma cor em algum objeto indica o sexo da criança, sendo o azul para os meninos e o rosa para as meninas. Quando nasce o bebê identificado como sendo do sexo masculino, é atribuído a ele diversos objetos em azul; mas se for do sexo feminino, para este é atribuído objetos na cor rosa. Para as crianças na infância, há marcas produzindo brinquedos específicos para meninos e meninas, em que é oferecido ao primeiro grupo os mais variados tipos de produtos que estimulam a individualidade, a criatividade, a liderança, a competitividade, entre outros, enquanto que para o segundo grupo nota-se produtos desenvolvidos para estimular o lado maternal e doméstico destes indivíduos, a sensibilidade, a passividade, a serenidade, entre outros. Na formação da identidade e do comportamento, é exigido que essas características já estimuladas na infância permaneçam e sejam desenvolvidas em suas vivências e relações interpessoais e que cada indivíduo aprenda a se portar da maneira que condiz com o esperado para seu gênero. Homens são viris e fortes, enquanto mulheres são frágeis e delicadas. Além disso, a separação dos gêneros atinge ainda objetos e vestimentas, com produtos sendo tidos apenas para homens ou mulheres. Verifica-se isso na separação entre masculino e feminino em lojas de roupas e calçados; produtos que não possuem relação com o gênero recebendo essa categorização como os de higiene pessoal (shampoos, sabonetes, perfumes, entre outros).

Todos os casos citados acima são apenas alguns dos muitos exemplos em que podemos observar a diferenciação de gênero ao se realizar uma reflexão rápida. Na origem de cada um deles, há algo implícito em comum: a naturalização do gênero como definido no nascimento e a imposição para que esta modalidade da vida seja considerada uma categoria imutável. Evidencia-se por estes fatos a marca histórica de nossa cultura em realçar diferenciação social com base no “sexo” e gênero, de forma a determinar posições sociais específicas para cada indivíduo. Aqueles que se identificam como fluidos criticam essa ordem social.

Tendo isso em mente, o ponto de partida deste trabalho será, portanto, a desnaturalização do gênero e o descolamento das categorias de sexo, gênero e sexualidade. Para isso, será usado como base de análise estudiosos da teoria *queer* que escrevem sobre o tema, como Judith Butler, que resgata a ideia de construção social para as categorias de gênero e sexualidade e a utiliza como apoio em seus escritos. Há também antropólogos que realizaram estudos etnográficos que comprovam com base na realidade observada essas teorias, como a antropóloga estadunidense Margaret Mead (1901-1978), que será mobilizada com tal propósito primeiramente aqui neste trabalho.

A etnografia de Mead deu origem ao seu livro chamado “Sexo e temperamento em três sociedades primitivas”, lançado originalmente em 1935, em que ela reúne suas observações e conclusões sobre o período que passou na Papua-Nova Guiné com as sociedades dos Arapesh, dos Mundurgumor e dos Tchacambuli. Na obra, a autora tem como objetivo descrever a forma como os indivíduos dessas três sociedades apresentam distinções nas suas atitudes sociais e sua relação com o temperamento em torno dos fatos notáveis das diferenças sexuais. Sobre isso, Mead diz:

“Qualquer discussão acerca da posição da mulher, do seu caráter e do temperamento, da sua escravidão ou emancipação, obscurece a questão básica; o reconhecimento de que a trama cultural por trás das relações humanas é o modo como os papéis dos dois sexos são concebidos e de que o menino em crescimento é formado para uma ênfase local e especial tão inexoravelmente como o é a menina em crescimento” (MEAD, 1988, p.23).

Dessa forma, ela reconhece que a cultura por trás de cada sociedade bem como as relações humanas nelas presentes moldam os papéis desempenhados por cada indivíduo. A autora completa apontando:

“E embora toda cultura tenha de algum modo institucionalizado os papéis dos homens e das mulheres, não foi necessariamente em termos de contraste entre as personalidades prescritas dos dois sexos, nem em termos de dominação ou submissão. [...] Na divisão do trabalho, no vestuário, nas maneiras, na atividade social e religiosa — às vezes em alguns destes aspectos, outras vezes em todos eles — homens e mulheres são socialmente diferenciados, e cada sexo, como sexo, é forçado a conformar-se ao papel que lhe é atribuído” (MEAD, 1988, p. 24-25).

A obra de Margaret Mead é da década de 1930, e por este motivo é importante pontuar que a antropóloga não utilizava a palavra gênero, que surge por volta da década de 1960, mas sim usava a palavra “sexo”, que para ela poderia ser tanto para falar da anatomia quanto para o desempenho de papéis sociais relacionados ao que entendemos por gênero.

Ao longo do texto, Mead se atenta para a questão da “padronização do temperamento social”, como costuma se referir, discutindo sobre a existência do que ela chama de “maleabilidade da natureza humana”, ao realizar as comparações seguintes. Sobre os comportamentos aprovados de cada sexo nas três tribos, a antropóloga nota que os Arapesh se comportam de maneira que para a nossa sociedade seria tida como maternal, cooperativa, não agressiva e sendo suscetíveis às necessidades e exigências alheias, e o sexo não representando uma força motriz nem para o homem nem para a mulher. Nos Mundugumor, ela descreve um contraste acentuado, tendo homens e mulheres como indivíduos implacáveis e agressivos, sendo positivamente sexuados e apresentando o mínimo de aspectos de carinho e maternais. Com isso ela conclui que nem os Arapesh nem os Mundugumor tiram proveito de um contraste entre os sexos.

Entretanto, a partir da convivência entre os Tchambuli, Mead se depara com uma inversão do comportamento sexual quando comparada com a cultura da nossa própria sociedade: a mulher sendo o parceiro dirigente, dominador e impessoal; e o homem sendo menos responsável e dependente emocional. Dessa forma, com essas três análises a autora apresenta a seguinte conclusão:

“Se aquelas atitudes temperamentais que tradicionalmente reputamos femininas — tais como passividade, suscetibilidade e disposição de acalantar crianças — podem tão facilmente ser erigidas como padrão masculino numa tribo e na outra ser prescritas para a maioria das mulheres assim como a maioria dos homens, não nos resta mais a menor base para considerar tais aspectos de comportamentos como ligados ao sexo. E esta conclusão torna-se ainda mais forte quando observamos a verdadeira inversão, entre os Tchambuli, da posição de dominância dos dois sexos, a despeito da existência de instituições patrilineares formais. [...] A evidência é esmagadoramente a favor da força de condicionamento social” (MEAD, 1998, p. 268).

Ao pensar sobre a origem das diferenças socialmente padronizadas, a autora explica que as culturas partem de um mesmo ponto, pois sendo estas constituídas de materiais humanos, mesmo com suas diferenças acabam por possuir traços semelhantes. Estes traços fazem parte do que ela explica ser um espectro, que é a amplitude das diferenças individuais que permanecem atrás da trama cultural, em que cada cultura reveste tal espectro de uma maneira distinta. A cultura sendo feita pelas sociedades, Mead se pergunta se estes traços semelhantes serão potencialidades de condicionamento presentes em todo temperamento humano, que se desenvolvem por diferentes espécies de condicionamento e não surgem na falta do cumprimento de tais exigências. E responde afirmando que o motivo pelo qual cada grupo apresenta temperamentos peculiares é a cultura em que nasceram e foram educados, à maneira intrincada, elaborada e infalível pelo qual cada cultura é capaz de moldar os indivíduos nascidos em determinado local. Mead aponta que

“Estas diferenças, finalmente incorporadas à estrutura de caráter dos adultos, constituem, então, as chaves a partir das quais a cultura atua selecionando como desejável um temperamento, ou uma combinação de tipos congruentes e relacionados, e incorporando esta escolha a cada fio da tessitura social — ao cuidar das crianças pequenas, aos jogos que as crianças praticam, às músicas que as pessoas cantam, à estrutura da organização política, às práticas religiosas, à arte e à filosofia” (MEAD, 1998, p. 271).

2.2. A CONSTRUÇÃO SOCIAL DO SEXO, GÊNERO E DO DESEJO

Margaret Mead contribui para este trabalho fazendo entender a ação da cultura no temperamento humano. A contribuição da autora é fundamental para a articulação do argumento de que o gênero é uma categoria não natural de cada indivíduo. A partir disso, posso acrescentar as contribuições de Judith Butler para a base deste trabalho. Mobilizo inicialmente sua principal obra, “Problemas de gênero: o feminismo e a subversão da identidade”, publicada originalmente em 1990.

As categorias de sexo, gênero e desejo também são tomadas por Butler como não naturais do indivíduo, entretanto, essa filósofa dá um passo a mais ao articular o descolamento das três categorias que, com o

tempo, passaram a ser entendidas como sinônimas pelo senso comum apesar de serem bem distintas. A autora trata inicialmente da distinção entre sexo e gênero, dizendo que esta é

“Concebida originalmente para questionar a formulação de que a biologia é o destino, a distinção entre sexo e gênero atende a tese de que, por mais que o sexo pareça inatratável em termos biológicos, o gênero é culturalmente construído: conseqüentemente, não é nem o resultado causal do sexo, nem tampouco tão aparentemente fixo quanto o sexo. Assim, a unidade do sujeito já é potencialmente contestada pela distinção que abre espaço ao gênero como interpretação múltipla do sexo” (BUTLER, 2012, p.24).

Neste trecho, a filósofa evidencia também um ponto que discute mais tarde, de que o sexo não é tão fixo como aparenta ser. Sendo o gênero os significados culturais que são inscritos em um corpo sexuado, para Butler, não há como dizer que ele decorra de um ou outro sexo, e ainda, ela defende uma descontinuidade radical entre os corpos sexuados e gêneros culturalmente construídos. Dessa forma, ao mesmo tempo, Butler deruba as formulações tanto para uma binaridade de sexo quanto para uma binaridade de gênero, conseguindo separar essas categorias ao apontar o seguinte:

“Supondo por um momento a estabilidade do sexo binário, não decorre daí que a construção de "homens" aplica-se exclusivamente a corpos masculinos, ou que o termo "mulheres" interprete somente corpos femininos. [...] A hipótese de um sistema binário dos gêneros encerra implicitamente a crença numa relação mimética entre gênero e sexo, na qual o gênero reflete o sexo ou é por ele restrito. Quando o *status* construído do gênero é teorizado como radicalmente independente do sexo, o próprio gênero se torna um artifício flutuante, com a consequência de que *homem* e *masculino* podem, com igual facilidade, significar tanto um corpo feminino como um masculino, e *mulher* e *feminino*, tanto um corpo masculino como um feminino” (BUTLER, 2012, p.24-25).

Neste ponto a autora afirma também que o gênero, além de ser entendido por seu aspecto cultural, deve também designar o aparato de produção no qual os sexos são estabelecidos. Assim, Butler afirma que ambas as categorias existem por meio produções discursivas, ou seja, o discurso presente na sociedade na qual o indivíduo está exposto produz esses aspectos de sua personalidade, dando forma, dominando, vigiando seu comportamento e limitando suas ações. Entretanto, Butler aponta para o fato de que em nossa realidade houve uma deturpação desse conceito de modo que se passou imaginar essas categorias como pré-discursivas, agindo em prol de reforçar a ideia de uma cis-heteronormatividade compulsória, hoje tida como padrão e universal. Assim, a autoria diz que

“Resulta daí que o gênero não está para a cultura como o sexo para a natureza; ele também é o meio discursivo/cultural pelo qual ‘a natureza sexuada’ ou ‘um sexo natural’ é produzido e estabelecido como pré-discursivo, anterior à cultura, uma superfície politicamente neutra sobre a qual age a cultura. [...] Colocar a dualidade do sexo num domínio pré-discursivo é uma das maneiras pelas quais a estabilidade interna e a estrutura binária do sexo são eficazmente asseguradas.” (BUTLER, 2012, p. 25)

Dessa maneira, compreendemos a posição de Butler em relação ao gênero enquanto “performatividade”. Para a filósofa, o discurso que constrói o gênero, o inserindo no contexto do domínio inteligível da linguagem, não é estável e permanente, e por isso precisa ser repetido e reiterado durante o tempo para reforçar seu efeito. Além disso, de acordo com Márcia Arán e Carlos Augusto Peixoto Júnior — que esclarecem bem este ponto em seu artigo sobre a teorização de Butler chamado “Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividades em Judith Butler” (2007) — o ato de nomear feminino ou masculino é, ao mesmo tempo, a repetição de uma normativa e o estabelecimento de uma fronteira. O gênero é então construído através da incorporação pela repetição de gestos, movimentos e estilos. Os dois autores completam com

“Dessa forma, a nomeação do sexo é um ato performativo de dominação e coerção que institui uma realidade social através da construção de uma percepção da corporeidade bastante específica. [...] Além disso, se para que essa ficção permaneça é

necessário que a aproximação de um ideal de gênero — masculino ou feminino — nunca é de fato completa, e que os corpos nunca obedecem totalmente às normas pelas quais sua materialização é fabricada” (ARÁN, PEIXOTO JÚNIOR, 2007, p. 134).

Deve-se pontuar que no texto de “Problemas de gênero” de Butler, a autora não faz menção às categorias cis e transgênero, mas é necessário esclarecê-las para os fins deste trabalho. Os indivíduos que se entendem como cisgêneros são aqueles que possuem uma identificação com o gênero discursivo que lhes é atribuído no nascimento em decorrência de suas características anatômicas. Com os indivíduos transgêneros não ocorre a identificação com gênero discursivo que lhes é atribuído no nascimento. Por exemplo, um indivíduo que é identificado como homem ao nascer por possuir um pênis, desempenhar o papel social masculino que é atribuído e esperado dele e se reconhecer como um homem em relação a sua identidade de gênero é dito que ele é cisgênero. Enquanto que se um indivíduo se identifica como transgênero, este não se sente confortável desempenhando tal papel social que é atribuído e esperado dele, se reconhecendo como uma mulher em relação a sua identidade de gênero. Há casos em que os transexuais também não se identificam com sua anatomia de nascimento e por isso buscam por cirurgias de redesignação sexual.

De acordo com Felipe Cazeiro da Silva, Emily Mel de Souza e Marlos Alves Bezerra, em seu artigo “(Trans)tornando a norma cisgênera e seus derivados” (2019), em que debatem e problematizam este termo e seus usos, estas terminologias surgem em momentos bem distintos, com transgênero sendo usado cerca de setenta anos antes de cisgênero, que passou a ser usado apenas no século XXI. Citando Amara Moiro Rodovalho, os autores completam:

“Algumas explicações atentam para a questão da divisão molecular como uma possível analogia terminológica. Rodovalho, ao discorrer acerca da questão cis e trans, alude à “isomeria geométrica” da Química Orgânica, onde ‘cis’ são os átomos que, ao dividirmos a molécula ao meio, permanecem de um mesmo lado do plano e ‘trans’ os que permanecem em lados opostos” (RODOVALHO, 2017, p. 365). Assim, no campo dos gêneros da espécie humana, partindo de uma referência marcada pelo determinismo biológico: mulher = vagina e pênis = homem, ‘cis’ seria a pessoa cujo gênero e genitália designados ao nascer se equivaleriam – o que não estaria tão distante da alusão à isomeria geométrica” (SILVA; SOUZA; BEZERRA, 2019, p. 4)

A partir da argumentação do sexo como uma construção discursiva, que possui aspecto normativo funcionando como uma norma regulatória e que cria um poder produtivo, isto é, um poder capaz de produzir os corpos que regula, Judith Butler em seu texto “Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do sexo” — publicado como parte do livro de Guacira Louro chamado “O corpo educado: pedagogias da sexualidade” (2000) — define a performatividade da seguinte forma:

“Mas como, então, a noção de performatividade de gênero se relaciona com essa concepção de materialização? No primeiro caso, a performatividade deve ser compreendida não como um “ato” singular ou deliberado, mas, ao invés disso, como a prática reiterativa e citacional pela qual o discurso produz os efeitos que ele nomeia. [...] O que está em jogo nessa reformulação da materialidade dos corpos é o seguinte: [...] (2) o entendimento da performatividade não como o ato pelo qual o sujeito traz à existência e aquilo que ela ou ele nomeia, mas, ao invés disso, como aquele poder reiterativo do discurso para produzir os fenômenos que ele regula e constringe; [...]” (BUTLER, 2000, p. 111)

Ao abordar a questão da construção cultural, que é um dos pontos-chaves da discussão, Butler faz ainda uma ressalva importante. Deve-se ter cuidado ao atribuir o papel da cultura nesse processo, que de acordo com a autora, deve ser dado de forma clara e que evite transgredir o lugar que pertence e função que desempenha, porque caso contrário podemos acabar assumindo uma ideia similar à da perspectiva de que a biologia tem o poder de definir o sexo e gênero do indivíduo, os colocando da mesma forma determinada e fixa, porém a partir da cultura. Nesse caso, de acordo com Butler, não a biologia, mas a trama cultural se tornaria aquela capaz de ditar tais definições.

Sobre a sexualidade, Butler faz uma análise que a desconstrói por meio de uma argumentação também baseada na construção discursiva. A autora caracteriza a sexualidade como expressão do sexo e do gênero na

manifestação do desejo sexual que acontece através da prática sexual, sendo possível perceber que mesmo muitas distintas, Butler entende as formas como estas categorias estão relacionadas. A filósofa resgata Foucault para contribuir para a explicação de como funciona tal produção discursiva da sexualidade, que é bem esclarecido neste trecho de Guacira Louro em seu livro “Gênero, sexualidade e educação”, publicado em 2003, quando ela discorre que

“Se Foucault foi capaz de traçar uma História da Sexualidade (1988), isso aconteceu pelo fato de compreendê-la como uma ‘invenção social’, ou seja, por entender que ela se constitui a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normalizam, que instauram saberes, que produzem ‘verdades’. Observamos que os sujeitos podem exercer sua sexualidade de diferentes formas, eles podem ‘viver seus desejos e prazeres corporais’ de muitos modos (Weeks, apud Britzman, 1996). Suas identidades sexuais se constituiriam, pois, através das formas como vivem sua sexualidade, com parceiros/as do mesmo sexo, do sexo oposto, de ambos os sexos ou sem parceiros/as” (LOURO, 2003, p. 26).

3. AS PROBLEMÁTICAS DO “GÊNERO FLUIDO”

Os debates que podem ser realizados sobre estudos de gênero são diversos. Quando se propõe analisar uma categoria específica, como a que é objeto deste trabalho, entramos num debate ainda mais específico e detalhado. O que é certo ao começar a trilhar um estudo que se insere nessa área é o cuidado necessário ao abordar cada questão, desde a atenção às palavras — que podem transformar uma fala em uma ideia ambígua ou contraditória em relação à ideia que se deseja transmitir — até uma noção moral em relação ao discurso para que não se caia no abismo da hipocrisia ou ataque o direito de existência de um outro indivíduo, os colocando em posição marginalizada, que remonta à ideia de performatividade de Butler e como os corpos que se distanciam dessa produção discursiva são socialmente colocados às margens sociais e, assim, são tidos como abjetos.

As pessoas chamadas de “gênero fluido” são indivíduos que possuem uma identidade de gênero que, como o nome explica, tem como principal aspecto a fluidez. Cabe agora levantar algumas questões. O que é fluir? Entre o que exatamente flui esse gênero? De onde vem e para onde vai essa identificação? Como ocorre essa movimentação? De acordo com o “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa”⁶, a palavra “fluir” tem quatro definições, sendo elas: correr em estado fluido; correr em abundância; ir no sentido de, dirigir-se; e provir, proceder ou derivar. O gênero que flui encontra-se em movimento entre o feminino e o masculino socialmente legitimado, caminhando no sentido desses extremos existentes no espectro de gênero, não havendo uma periodicidade definida para que ocorram estes trânsitos. Butler, em seu texto incluído na obra de Louro (2000), tem uma fala sobre o que seria a questão de uma escolha de um “sexo” e do aparato regulatório da heterossexualidade que pode ser inserida nessa discussão, por afirmar que se um indivíduo é capaz de fazer uma escolha, esta é justamente coagida pelo ideal heteronormativo binário.

“Quando, no jargão lacaniano, diz-se que alguém assume um ‘sexo’, a gramática da frase cria a expectativa de que existe um ‘alguém’, que ao despertar, faz uma verificação e decide qual ‘sexo’ assumirá hoje, uma gramática na qual a ‘assunção’ é rapidamente assimilada à noção de uma escolha altamente reflexiva. Mas se essa ‘assunção’ é imposta por um aparato regulatório de heterossexualidade, um aparato que reitera a si mesmo através da produção forçosa do ‘sexo’, então a ‘assunção’ do sexo é constrangida desde o início. E se existe uma agência, ela deve ser encontrada, paradoxalmente, nas possibilidades abertas naquela — e por aquela — apropriação constrangida da lei regulatória, pela materialização daquela lei, pela apropriação e identificação compulsória com aquelas demandas normativas” (BUTLER, 2000, p. 120-121).

De acordo com Guacira Louro, com a multiplicação dos grupos de resistência LGBTQI+, houve também a diversificação dos interesses e propósitos dos mesmos, e os indivíduos que se identificam como fluidos poderiam ser lidos como aqueles que “[...] se preocupam em desafiar as fronteiras tradicionais de gênero e sexuais, pondo em xeque as dicotomias masculino/feminino, homem/mulher, heterossexual/homossexual; e ainda [...]

⁶ Consulta realizada no banco de dados do “Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa” através do aplicativo “Aurélio Digital”, da Editora Positivo, disponível para download nas lojas de aplicativos para smartphones.

não se contentam em atravessar as divisões mas decidem viver a ambiguidade da própria fronteira” (LOURO, 2001, p. 546). Sobre os movimentos sociais como o LGBTQI+, acrescento a fala de Richard Miskolci, em seu livro “Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças”, publicado originalmente em 2012, em que o autor diz que “[...] esses movimentos que ganham força e visibilidade na época da contracultura costumam ser associados à emergência de novos sujeitos históricos que passam a demandar direitos e também a influenciar na produção do conhecimento” (MISKOLCI, 2018, p. 13), podendo os gênero fluido também ser considerados como integrantes desses grupos de novos sujeitos. Na época da contracultura, entretanto, esse debate passava mais pela ideia de androginia, que abriu caminho para o surgimento de críticas às definições estanques de gênero, não havendo até aquele momento a identidade fluida. A androginia pode ser entendida como a identificação com uma combinação dos gêneros masculino e feminino em uma mesma pessoa, como também a possibilidade de não ser nem um e nem outro, ou ainda, em um entendimento mais contemporâneo, uma combinação de dois gêneros distintos quaisquer. Dessa forma, nota-se que há uma aproximação entre o que era entendido como andrógino nos anos de 1960 e 1970 e o que é entendido como fluido hoje, mas também um afastamento entre essas duas identidades pelo fato de o fluido compreender uma movimentação constante.

Ao realizar uma pesquisa pela rede do YouTube por “gênero fluido”, ou no inglês “*genderfluid*”, é possível encontrar diversos vídeos sobre o tema. Há alguns que tem a finalidade de esclarecer pontos relacionados à temática de gênero, tanto de maneira geral como também categorias específicas como a que deu origem a este trabalho, e outros que contém narrativas com vivências dessas pessoas — que terão mais espaço para análise na próxima sessão. Há, entretanto, alguns vídeos que se fazem pertinentes observar neste ponto. Por meio deles, é possível perceber que quando estes indivíduos encontram um “rótulo” que os compreenda, com o qual se identificam e se vêem representados, passam a elaborar meios de tornar sua vivência menos conturbada no âmbito social. Neste aspecto, um vídeo chamou minha atenção por ser intitulado “Dicas para parecer mais masculino”. Nele se observa a importância da performatividade e de comportamentos específicos quando há o desejo de expressar sua maior identificação em determinado momento com o um gênero ou outro. Entre essas “dicas” que são ensinadas, menciono algumas como: usar chapéus para expressar masculinidade; acessórios como o chapéu, além disso, ainda podem esconder o cabelo longo para se afastar da feminilidade, mas mantê-lo para quando quiser expressá-la; não usar maquiagens pesadas, apenas itens leves; desenhar contornos que reforcem traços de expressão entendidos como masculinos, como a marcação da mandíbula; usar roupas largas e calças caídas, bem como camadas de roupas para esconder curvas ditas femininas.

Observando mais aspectos relacionados com a performatividade desses indivíduos, nota-se também outros pontos como passar a usar nomes tidos como masculinos quando se compreendem como homens, e femininos quando se vêem como mulheres; fazer uso de objetos de identificação para que as outras pessoas saibam de que forma os tratar no dia a dia, como camisas ou, mais comumente, pulseiras de cores específicas, geralmente azul para masculino, rosa para feminino, e uma terceira cor para neutro; o uso de pronomes se adequa para o feminino e masculino ou até o uso exclusivo de pronomes neutros (como na língua inglesa em que os pronomes “*they*” e “*them*”, originalmente usados como os pronomes plurais “eles/elas” e “deles/delas” respectivamente, passam a ser usados no singular por terem em seu significado a possibilidade de abordar um sujeito indefinido que inclui todos os gêneros⁷); fazer o uso de vestimentas e acessórios que socialmente já possuem uma vinculação ao gênero para moldar seu ato social performativo, como brincos, anéis, saias, vestidos e sapatos de saltos; entre outras.

Resgatando o que é dito por Louro, essas pessoas se encaixam no movimento LGBTQI+ como aquelas que ao se compreenderem com uma identidade de gênero que flui podem ser tidos como os que desafiam as fronteiras tradicionais de gênero, mas vivem a ambiguidade da mesma. Com isso, surgem novos questionamentos: como seria viver a ambiguidade? É possível ter essa articulação sem esbarrar em controvérsias pelo caminho? Uma fluidez como essa não reforçaria padrões que tentamos desconstruir ao invés de subverter e revolucionar um pensamento construído socialmente? Mas o que seria, nesses termos, subverter e revolucionar? Um gênero que seja fluido com certeza surge para questionar o sistema binário homogeneizante e compulsório no qual as pessoas são inseridas e educadas para seguir, numa tentativa de subverter essa lógica à qual a sociedade está condicionada, tendo em vista que ele quebra com a noção de uma categoria fixa e coloca essas no-

⁷ Atualmente a ideia do uso de pronomes neutros é mais conhecida na língua inglesa. Para mais detalhes sobre os usos dessa gramática acessar: <<https://www.inglesnapontadalingua.com.br/2018/05/singular-they.htm>>. No Brasil ainda não há um consenso sobre pronomes neutros. Há alternativas como o uso da letra “x”, como em “ela/e” e “dela/e” que passaria a ser elx e delx (o que gera controvérsias por dificultar a legibilidade para cegos), o uso da letra “e” no fim de palavras como, por exemplo, em aluna/o (alune) e amiga/o (amigue), e, ainda menos conhecido, o uso da letra “o”, como em “ela/e” e “dela/e” que passaria a ser “elo” e “delo”.

ções em trânsito. Pelo fato de o sistema binário já se encontrar de forma bastante enraizada nos costumes, por meio de normas e sistemas de inteligibilidade que tenta aniquilar o que foge da regra binária estabelecida, ultrapassar essa barreira é uma tarefa extremamente complexa e difícil. Mas seria necessário e efetivo orientar o pensamento a partir da ideia ultrapassar barreiras? Ou, ainda, seria possível de fato pensar em termos de “fugir” da ordem binária vigente? É essa a única maneira de subverter esse sistema? Burlar esse sistema de gênero orientando-se no sentido de fugir completamente desses parâmetros e criar novos talvez seja impossível, porque mesmo considerando um cenário em que isso aconteça, tal ordem ainda estaria presente dizendo o que era e o que passou a ser. Segundo Butler, para se discutir uma subversividade deve-se pensar em termos da lei vigente e do poder, e assim pensar no gênero e na sexualidade nos termos do poder, já que são construídos pelas relações de poder da sociedade e, dessa forma, articulam essas práticas de dominação sem as repetir, deslocando-as. Para lançar mais questões como essas e estender o debate e entendimento, Judith Butler em seu trabalho “Regulações de gênero” (2014), afirma que

“A questão acerca do que estará excluído da norma estabelece um paradoxo, pois se a norma confere inteligibilidade ao campo social e normatiza esse campo para nós, então estar fora da norma é continuar, em certo sentido, a ser definido em relação a ela. Não ser totalmente masculino ou não ser totalmente feminina é continuar sendo entendido exclusivamente em termos de uma relação a “totalmente masculino” e “totalmente feminina”. [...] Gênero é o aparato pelo qual a produção e a normalização do masculino e do feminino se manifestam junto com as formas intersticiais, hormonais, cromossômicas, físicas e performativas que o gênero assume. Supor que gênero sempre e exclusivamente significa as matrizes “masculino” e “feminina” é perder de vista o ponto crítico de que essa produção coerente e binária é contingente, que ela teve um custo, e que as permutações de gênero que não se encaixam nesse binarismo são tanto parte do gênero quanto seu exemplo mais normativo. Assimilar a definição de gênero à sua expressão normativa é reconsolidar inadvertidamente o poder da norma em delimitar a definição de gênero.” (BUTLER, 2014, p. 253)

Há ainda que se pensar que o fluido certamente dialoga com outras experiências de gênero, como o drag e o crossdresser. Em “Problemas de gênero”, Butler debate questões de performatividade que se relacionam com essas experiências de gênero e que podem ser vistas também perpassando o gênero fluido. Para a autora, o gênero não pode ser nem verdadeiro e nem falso, pois sua verdade é uma fabricação produzida discursivamente, e ainda ela afirma que a travestilidade subverte completamente a distinção entre os espaços interno e externo dos corpos, “zomba” do modelo de gênero expressivo e da ideia de uma identidade de gênero que seja verdadeira.

“[...] os atos e gestos, os desejos articulados e postos ato criam uma ilusão de um núcleo interno e organizador do gênero, ilusão mantida discursivamente com o propósito de regular a sexualidade nos termos da estrutura obrigatória da heterossexualidade reprodutora. Se a “causa” do desejo, do gesto e do ato pode ser localizada no interior do “eu” do ator, então as regulações políticas e as práticas disciplinares que produzem este gênero aparentemente coerente são de fato deslocadas, subtraídas à visão. [...] Se a verdade interna do gênero é uma fabricação, e se o gênero verdadeiro é uma fantasia instituída e inscrita sobre a superfície dos corpos, então parece que os gêneros não podem ser nem verdadeiros nem falsos, mas somente produzidos como efeitos da verdade de um discurso sobre a identidade primária e estável” (BUTLER, 2012, p. 195)

De acordo com a filósofa, a performance do drag se articula entre a anatomia do performista e o gênero que está sendo performado, apresentando três dimensões da corporeidade do indivíduo: o sexo anatômico, a identidade de gênero e performance de gênero; de forma que a performance artística drag sugere uma dissociação entre sexo e performance, entre sexo e gênero e, ainda, entre gênero e performance por poder apresentar um performista com anatomia distinta de seu gênero e ambos distintos do gênero da performance. Butler afirma que

“Ao imitar o gênero, o drag revela implicitamente a estrutura imitativa do próprio gênero — assim como sua contingência. Aliás, parte do prazer, da vertigem da perfor-

mance, está no reconhecimento da contingência radical da regulação entre sexo e gênero diante das configurações culturais de unidades causais que normalmente são supostas naturais e necessárias” (BUTLER, 2012, p. 196).

Butler ainda fala sobre os aspectos parodísticos e de pastiche do drag, em que segundo a autora, se parodia justamente a ideia de um gênero original, sobre o qual se molda toda uma prática discursiva para o gênero e que o drag evidencia imitar um original que não existe. Ela ainda acrescenta que a imitação que “zomba” da ideia de um original é mais característica do pastiche, que é a imitação de um modelo único, mas sem o caráter satírico que há na paródia.

Dessa forma, Butler mostra como relacionar o gênero fluido com essas experiências de gênero, afinal, com esses pontos, pode-se dizer que o drag subverte ou reafirma a ordem binária, já que estiliza a feminilidade hegemônica? Com todo seu aparato performativo, o fluido desempenha um papel que pode ser dito semelhante ao drag? E ainda, é pertinente destrinchar essa discussão apenas pela dualidade de subverter ou reafirmar ou há outros aspectos que perpassam essa análise para serem considerados? Os deslocamentos que essas experiências provocam certamente, como afirma Butler, é “perpétuo”, ao produzir essas imitações e provocar uma fluidez de identidades — nas palavras da autora —, permitindo pensar em formas de re-significação, recontextualização, e ainda reivindicação dessas identidades essencializadas. Por fim, a afirmação seguinte de Butler fecha essa linha de argumentação:

“A noção de paródia de gênero aqui defendida não presume a existência de um original que essas identidades parodísticas imitem. Aliás, a paródia que se faz é *da* própria ideia de um original; assim como a noção de psicanalítica da identificação com o gênero é constituída pela fantasia de uma fantasia, pela transfiguração de um Outro que é desde sempre uma “imagem” nesse duplo sentido, a paródia do gênero revela que a identidade original sobre a qual molda-se o gênero é uma imitação sem origem” (BUTLER, 2012, p. 197).

É preciso pontuar que neste trabalho naturalizar é utilizado num sentido que é bem pontuado por Henrietta Moore, em seu artigo “Compreendendo sexo e gênero”, quando a autora diz que

“Na discussão de sexo e gênero na vida social humana, aparece um termo especialmente problemático: é o termo “natural”. Nos debates públicos a respeito das origens das chamadas diferenças sexuais e da natureza das relações entre mulheres e homens - debates esses conduzidos na mídia, nas interações cotidianas e nos discursos acadêmicos - são feitas uma série de afirmativas que empregam a palavra “natural” de maneiras fundamentalmente enganadoras. Essas afirmativas são de vários tipos, mas um traço comum de muitas delas é descreverem as diferenças estabelecidas entre mulheres e homens na vida social como se fossem originárias da biologia. Essa proposição tão simples na aparência tem sido vigorosamente contestada pelo trabalho das ciências sociais ao longo das duas últimas décadas” (MOORE, 1997, p. 813).

Moore completa sua visão sobre esse ponto e acrescenta para reafirmar que o aparato biológico não pode ser capaz de interferir no que é de âmbito social, como se houvesse uma relação causal entre eles. A autora aponta:

“[...] não se pode afirmar que as diferenças biológicas determinam construções de gênero e, por conseguinte, não pode existir um sentido unitário ou essencial atribuível à categoria ‘mulher’ ou à categoria ‘homem’ (Moore 1988: 7). A distinção entre sexo biológico e gênero mostrou ser absolutamente crucial [...] porque possibilitou aos eruditos demonstrar que as relações entre mulheres e homens e os significados simbólicos associados às categorias ‘mulher’ e ‘homem’ são socialmente construídos e não podem ser considerados naturais, fixos ou predeterminados” (MOORE, 1997, p. 814).

Dessa forma, há de se dizer que o gênero que flui procura desessencializar as identidades, pensando em possibilidades diversas de mudança, mas pela maneira delicada que esta identidade é expressa tal objetivo

deve ser buscado de forma que não ocorra uma ancoragem identitária que poderia acabar reforçando ideias como a de uma natureza do indivíduo ou a binaridade dos gêneros. Para um indivíduo ser compreendido como um homem ou como uma mulher não é necessário se comportar de determinadas maneiras que são socialmente estabelecidas exclusivas para homens ou mulheres, e nem mesmo não se comportar de outras maneiras que são socialmente estabelecidas como não sendo para homens ou mulheres. Um ato performativo como uma maneira de se vestir, uma forma de agir, de andar, de falar, de se relacionar podem ser entendidos como capazes de tornar uma pessoa mais ou menos homem ou mulher? Por mais que os fluidos tenham a performatividade como aspecto importante para sua expressão de gênero, não se pode dizer que isso limita e define o cenário em que eles estão inseridos, porque perpassa por essas pessoas outros limites e tensões que precisam ser considerados.

Um homem de vestido e saltos altos é tão homem quanto aquele de camisa, calça e tênis, assim como uma mulher de cabelo curto, usando terno e sem maquiagem é tão mulher quando aquela extremamente maquiada, com vestido e bolsa no ombro, mesmo que, por exemplo, um homem usando calça não experimente a mesma vivência que um homem usando vestido. Nesse aspecto, um homem usando objetos extremamente generificados, como vestido e saltos, causam uma confusão na ordem social que abalam a estrutura socialmente aceita e, com isso, um gênero que flui consegue questionar os padrões de gênero. Todos esses aspectos performativos podem ser tidos como capazes de reafirmar ou definir o gênero de uma pessoa? Nesse caso, o ato performativo deve ser tomado de forma relativa, porque seria um equívoco apontar que um homem deve performar masculinidade para ser entendido como homem, mas ao mesmo tempo, um homem pode utilizar de elementos super generificados, como vestidos, para dizer que estes objetos não são apenas “de mulheres”, que isso não o torna menos homem e que, ainda, pode sim reafirmar sua masculinidade por entender que não há uma relação de causa e efeito nessa situação.

Diariamente homens gays cis ou transgêneros e mulheres lésbicas cis ou transgêneros são tidos como aberrações por não seguirem padrões, e a sociedade tradicional se contorce e estremece ao ver mulheres performando masculinidade ou, principalmente, homens performando feminilidade, já que com a existência do machismo e da misoginia, a feminilidade exercida (tanto por homens quanto por mulheres), é carregada de estigmatização. A luta dos movimentos sociais, seja no meio acadêmico, nas ruas, em seu cotidiano em casa, nas escolas ou no ambiente de trabalho, é contra essas citadas formas de limitação e opressão que decorrem de uma tradição hegemônica, que além de tentar colocar como uma natureza intrínseca o sexo, o gênero e a sexualidade — o que já é provado cientificamente ser impossível —, tenta colocar na mesma caixa do natural e imutável do ser, aspectos da performatividade social que cada indivíduo deve apresentar e os padrões que se deve seguir sem questionar. Assim, aqueles que integram o movimento LGBTQI+ resistem pela sua liberdade de se desenvolverem como pessoas que são diferentes do padrão esperado, sem serem julgados, ameaçados ou viverem acorrentados ao medo.

A partir destes problemas até aqui apresentados, me deparo com uma nova questão: a da invisibilização. O gênero fluido de fato carrega diversos pontos problemáticos e minuciosos para serem debatidos e repensados, mas para isso se deve ter cuidado para não violar o direito de existir destas pessoas, sua liberdade de ser e de pertencer. Obviamente, não se pode dizer que devido a todos estes conflitos o gênero fluido deve deixar de existir, a intenção aqui não é aniquilar, mas sim, com essas discussões, repensar o que é posto e encontrar meios de contemplar ambos os lados envolvidos. O objetivo jamais será simplesmente cortar fora uma parte do movimento, mas sim solucionar as partes que possuem suas controvérsias dentro dele para nos tornar mais fortes para enfrentar o que vêm de fora. Com isso, questiono: o que fazer para solucionar essa dualidade? Como pensar e repensar essa categoria de gênero sem apagar essas pessoas que fazem parte dela? Como usar de debates como este para dar força ao movimento LGBTQI+? Guacira Louro diz algo importante sobre a identidade dos sujeitos, que pode ser relacionado nesse ponto, permitindo compreender melhor a identidade dos que se entendem como fluidos, bem como reafirmar sua existência e enxergar que estes não podem ser apagados. Louro diz:

“A pretensão é, então, entender o gênero como constituinte da identidade dos sujeitos. E aqui nos vemos frente a outro conceito complexo, que pode ser formulado a partir de diferentes perspectivas: o conceito de identidade. Numa aproximação às formulações mais críticas dos Estudos Feministas e dos Estudos Culturais, compreendemos os sujeitos como tendo identidades plurais, múltiplas; identidades que se transformam, que não são fixas ou permanentes, que podem, até mesmo, ser *contraditórias*. Assim, o sentido de pertencimento a diferentes grupos — étnicos, sexu-

ais, de classe, de gênero, etc. — constitui o sujeito e pode levá-lo a se perceber como se fosse ‘empurrado em diferentes direções’” (LOURO, 2003, p. 24-25).

4. NARRATIVAS

Em um trabalho como o atual, é fundamental incluir narrativas de pessoas que se identificam como gênero fluido, pois isso permitirá analisar seus discursos, observar em mais detalhes aspectos de sua vivência como parte da comunidade *queer* e compreender o que significa fluir na concepção de cada um. Além do já mencionado vídeo “Dicas para parecer mais masculino”, para esta sessão utilizarei de outros vídeos também disponibilizados em canais do YouTube, que foram traduzidos e transcritos para serem mobilizados.

4.1. GRACE/GRAYDON

Primeiramente, utilizo dois vídeos do canal Seadressa, chamados “Welcome to my life” (Bem-vindos à minha vida) e “What is genderfluidity?” (O que é fluidez de gênero), publicados em 26 de janeiro de 2014 e 27 de outubro 2014, respectivamente. No primeiro, que tem duração de seis minutos e dezenove segundos, a pessoa se identifica como Grace, uma mulher de 20 anos de idade, enquanto que no segundo, é usado seu nome masculino de nascimento, Graydon. Grace conta que normalmente costuma sair para boates, bares, para passear pela cidade ou para seu local de trabalho como Grace, performando feminilidade. Seus pais sabem sua identidade de gênero e sabem a forma como ela transita, incluindo sua mudança de aparência física, mas Grace afirma que eles não tentam entender ou lidar com a realidade dela, preferindo que em casa esteja como um homem durante todo o tempo, como cresceu sendo educada a ser, o que ela diz ser muito “chato”, mas demonstra acatar, tanto que os vídeos do seu canal são feitos quando seus pais estão fora de casa. Grace conta que namora uma garota que se sente confortável com sua identidade de gênero, e gosta quando ela se sente como Grace, pois a namorada é bissexual, “Então quando saímos juntas como garotas é meio que ‘Ei, nós podemos ser lésbicas!’”, ela completa. Nessa fala, Grace evidencia as fronteiras e o diálogo já mencionados entre o fluido e o mundo trans, drag, crossdresser, travesti, entre outros. Há de se questionar, com isso: o gênero fluido deseja se apresentar ora como feminino, ora como masculino? Grace deixa esse questionamento em aberto ao fazer a afirmação anterior, mas se é algo que se difere do masculino ou feminino, o que seria?

No segundo vídeo, que tem duração de seis minutos e trinta e um segundos, ele se apresenta como Graydon, e inicia dizendo que está como um homem naquele dia, mas não totalmente um homem, pois está usando saltos altos azuis. Ele afirma que na sua visão o gênero não é restrito ao masculino e feminino, mas sim, de uma maneira “não biológica e subjetiva”, é algo bem dinâmico. Ao falar de seu entendimento sobre gênero, Graydon desloca as normativas evidenciando a existência do espectro de gênero que Margaret Mead discorre sobre. Ele reafirma em seu discurso que a fluidez ocorre entre o masculino e o feminino, mas mesmo ainda operando dentro dessas normativas de gênero, não se pode dizer que ele simplesmente reforça uma ordem existente por esse motivo. Essa passagem ainda remete ao argumento de Butler, quando a autora diz que mesmo quando se tenta definir fora do padrão binário ainda se permanece dentro dele. Segundo Graydon:

“Para falar de fluidez de gênero, primeiro devemos falar sobre gênero e o que é. Então não pensem muito sobre macho e fêmea como algo fixo, mas pensem em gênero mais como um espectro de 1 a 10. Obviamente 1 sendo, digamos, totalmente 100% masculino e 10 sendo totalmente 100% feminino. [...] Seu gênero pode se encaixar em qualquer lugar ao longo dessa linha. [...] Você pode cair em qualquer lugar ao longo dessa linha em coisas que dizem respeito a gênero, você poderia estar num 7,825 ou num 2,9873. Basicamente é infinito, existe uma quantidade infinita de gêneros, o que é totalmente louco, tipo, se você olhasse para a terra toda e para o gênero de todos então haveriam 6 bilhões de gêneros individuais. É loucura. É praticamente impossível encaixar todas as pessoas do mundo inteiro em apenas duas categorias.” (Graydon)

Ao falar sobre a fluidez do gênero em si, ele fala também sobre como é a periodicidade em que flui, mostrando o porquê se identifica com essa identidade e o porquê de se sentir tão confortável dessa forma. Graydon diz:

“A parte legal da fluidez de gênero, como o nome diz, é que [o gênero] flui. Então tipo, você pode estar se sentindo totalmente masculino em um dia, mas aí no dia seguinte você pode acordar e se sentir totalmente feminina, ou pode estar totalmente no meio, pode ser que você não se sinta de acordo com nenhum dos dois gêneros. Então é meio que uma grande coisa fluida. Eu, pessoalmente, tenho a tendência de mudar meio que de um dia pro outro ou, às vezes, de uma semana para a outra, às vezes voluntariamente, às vezes só acontece. Mas, de maneira geral, com a fluidez de gênero é assim, nada é definitivo e imutável. E há uma gama de gêneros mundo afora, então gênero fluido é só uma pequena definição de como eu pessoalmente me defino e como muitos outros na comunidade também se definem.” (Graydon)

Quando continua falando sobre gênero e as diversas identidades que existem, Graydon faz uma afirmação em que pode ser visto um questionamento da ordem social em que estamos inseridos, ao apontar para aqueles que se acreditam “normais” por seguirem tal “ordem”. Sua fala “[...] e há os cisgêneros, que basicamente são todos vocês normais aí que só se identificam como homem ou mulher e gostam de se apegar a esses papéis”, mostra um questionamento acerca das fronteiras do que se acredita ser certo e errado socialmente.

Graydon conclui o vídeo de sua narrativa falando sobre a importância do indivíduo se sentir confortável consigo mesmo ao tentar encontrar o lugar onde encaixa. Para ele, o que importa sobre gênero é o que a própria pessoa entende e se sente confortável vivendo, essa é a verdade dele.

“Acima de tudo, gênero depende de como você o interpreta, como você o percebe. Os seus termos e definições quanto ao seu gênero, são seus, tudo bem? Só se lembre disso e não deixe que te digam o contrário. Se é importante para você, se é o seu gênero, então é totalmente válido.” (Graydon)

4.2. CATHERINE/REN

Nesta segunda narrativa, utilizo um vídeo do canal DKettchen chamado “Genderfluid person talks about social transition” (Pessoa gênero fluido fala sobre sua transição social), com duração de doze minutos e quarenta e nove segundos, que possui a narrativa de Catherine. Quando está performando masculinidade, ela diz que usa o nome Ren; e sobre o pronome que prefere diz que tanto “ele” quanto “ela” a deixa confortável, então a pessoa que for se referir a ela pode escolher.

Neste vídeo, Catherine conta sobre como começou a construir sua identidade de gênero. Segundo ela, desde o momento em que buscou se compreender em uma categoria até o que publicou o conteúdo, após mudar sua percepção sobre gênero e performatividade diversas vezes e possuir um pensamento mais maduro e pautado por mais informação, que ela conta que adquiriu ao longo de sua trajetória, incluindo o contato com muitas pessoas da comunidade LGBTQI+ e com o meio acadêmico da universidade em que estudou, na Inglaterra.

Catherine se apresenta como gênero fluido e explica a forma como se identifica. Quando fala sobre sua infância e adolescência, o discurso dela mostra como foi um processo conturbado, por não conseguir entender seu lugar dentro das imposições de gênero. Sobre seus interesses, ela possui uma fala que evidencia como a diferenciação binária perpassa também o comportamento e os gostos pessoais dos indivíduos, ao mencionar alguns de seus “interesses femininos”. E completa dizendo que a adolescência não foi para ela um processo simples, porque não foram somente as mudanças da puberdade que a incomodavam, como também as mudanças sociais.

“Eu sou gênero fluido, essa é uma das várias identidades não-binárias. Isso significa que eu não me identifico nem como uma mulher, nem como um homem. [...] Quando criança, embora eu me comportasse como tomboy, eu tinha vários interesses femininos. Eu gostava de balé, princesas, música, teatro e arte e o único motivo pelo qual eu queria crescer era para poder usar vestidos de princesa. [...] Quando cheguei na puberdade eu comecei a me sentir desconfortável com as mudanças e pensei que por se tratar da puberdade, todos se sentem dessa forma, então achei que isso era normal. Porém, não foram apenas as mudanças físicas que me incomodavam, mas também as sociais.” (Catherine)

Catherine conta sobre suas vivências e questionamentos que a afligia durante todo esse tempo. Ela comenta sobre como se sentia no seu círculo social composto por garotas e como, em determinado momento, abandonou esse círculo e passou a ter mais contato com garotos.

“Eu aprendi sobre a complexidade de coisas como maquiagem, fofocas e como ser bonita para atrair os garotos. E mesmo que eu não tivesse nenhum grande problema com qualquer uma dessas coisas, eu não me sentia conectada a essas questões como minhas amigas eram. Eu não me sentia completa/realizada do jeito que eu deveria me sentir se eu fosse realmente uma garota, se eu realmente ocupasse esse papel social que me era esperado. Eu me distanciei desse grupo de amigas e comecei a passar mais tempo com os garotos. Fui introduzida aos videogames e descobri que eu era incrivelmente ruim, usei minhas informações privilegiadas de ‘como as garotas funcionam’ para dar conselhos amorosos para meus amigos homens e minha mentalidade se transformou.” (Catherine)

Além dessa fala, que evidencia a ideia que ela tinha de “comportamentos femininos” e “comportamentos masculinos”, ela conta uma experiência sobre o que diz ser o momento em que começou a explorar seu “lado masculino”, reforçando novamente essa divisão de comportamentos masculinos e femininos que faz parte do senso comum, em que ela faz a atribuição de gostar de jogos como um aspecto masculino e gostar de fazer compras e se interessar por moda como um aspecto feminino.

“Uma vez eu estava em um shopping com minha mãe e ela começou a pegar coisas de uma loja de roupas. Antes eu ficava animada de poder estar em uma loja com tantas roupas bonitas onde eu poderia passear e dar uma olhada em tudo e de fato me divertir, porque eu amava moda. Eu até cheguei a querer ser designer de moda por muitos anos. Mas nesse dia, eu estava incomodada e ansiosa para que ela terminasse logo para que eu pudesse ir para a loja de videogames. E aí eu parei para pensar: “Espera, isso é normal? Eu costumava amar isso. O que mudou?”. Eu estava explorando minha masculinidade sem me dar conta disso. Esse dia me deixou apavorada porque foi a primeira vez que não pude mais negar que eu tinha esse lado masculino.” (Catherine)

Catherine conta sobre como esses questionamentos e descobertas perpassaram sua sexualidade e como, para ela, essas duas coisas passaram a se inter-relacionar quando tentava se compreender. Além disso, o trecho seguinte mostra a influência das vestimentas na performatividade de gênero dessas pessoas que se identificam como fluidas, e como ela, aos poucos, entendia sua identidade como algo que era compreendida de maneira que incluía o masculino e o feminino — ou seja, estava ainda definida por esses dois parâmetros de definição.

“Por fim, quando me descobri bissexual – além do fato de tudo de repente começar a fazer sentido – eu usei isso como uma explicação para a minha masculinidade. Deduzi que se eu era “metade lésbica”, isso justificaria meu lado masculino. Então ao me apaixonar por uma mulher, eu abracei minha masculinidade. Comecei a fazer compras na seção masculina, deixar meu cabelo mais curto (eu passei por muitos cortes diferentes). Eu estava supercompensando o fato de ter suprimido esse meu lado por tanto tempo. Mas mesmo nessa minha nova identidade queer, incluindo meu novo visual (com camisas de flanela e gravadas borboletas), algo ainda parecia errado e eu sabia que existiam indivíduos como homens e mulheres trans, mas eu sabia que eu não era um homem, então nunca considerei isso como sendo um problema de transexualidade. Eu sentia que era metade menino e metade menina. Eu era ambos, ao mesmo tempo. Duas partes que formam um todo. [...] São duas partes, que às vezes formam uma só a partir delas. Pelo menos essa foi a melhor analogia que eu encontrei para me localizar dentro da sociedade binária em que eu me encontrava, mas eu ainda tinha muita dificuldade porque essa era uma opção da qual eu nunca tinha ouvido falar.” (Catherine)

Catherine diz que quando ela conheceu o que é ser gênero fluido ela sentiu que havia encontrado um nome para sua identidade de gênero, e foi aí que os problemas começaram, porque mesmo tendo se encontrado, ela sabia que não conseguiria simplesmente abandonar todos os preceitos de uma mentalidade de gênero binária que haviam sido impostos e reafirmado a ela desde que nasceu. Isso a influenciou a desenvolver uma ideia problemática sobre como ela deveria articular seu gênero e sua sexualidade, que acabou por ter, em um período, uma ideia que pode até ser tida como homofóbica sobre a questão, por pressupor que em um relacionamento afetivo amoroso, sempre deveria haver um indivíduo que desempenhasse o papel de uma mulher e o indivíduo que desempenhasse o papel de um homem.

“Eu sabia que antes quando se tratava de ser atraente para os homens eu fui ensinada pelas minhas amigas a confiar em meu “charme feminino” e toda a mídia, incluindo meus amados filmes de princesas, também me ensinaram que mulheres se atraem por masculinidade – seja em um lindo príncipe ou uma lésbica camilhoneira [que performa masculinidade], então meu querido cérebro fez uma pequena equação: feminilidade e masculinidade são atraídos um pelo outro, isso é como os relacionamentos – gays ou héteros – são estruturados pelo o que eu tinha visto até então. Dessa forma, como sou atraída por homens másculos e mulheres femininas, eu – a andrógina e não-binária –, devo ser gentil e me adaptar ao parceiro com quem estou me relacionando. Portanto, se eu me envolver com uma mulher, eu farei o papel masculino e se eu estiver me envolvendo com um homem, eu farei o papel feminino.” (Catherine)

O que já se entende como sendo um dos lados mais sombrios e problemáticos do sistema padrão binário de gênero, que pauta a mentalidade e comportamento social, afetou Catherine: ela ficou doente com toda essa confusão e pressão que sentia, tanto originada de forma externa a ela, quanto interna, e com isso entrou em depressão. Um debate que pode ser levantado em cima dessa vivência de Catherine, e que menciono aqui, seria como o sistema farmacêutico se beneficia por estarmos inseridos numa sociedade pautada por rígidos padrões impostos, capaz de deixar as pessoas como Catherine doentes e que passa a tratar com remédios incontáveis esses indivíduos. A última frase de Catherine deste trecho seguinte, evidencia novamente o argumento de Butler de que mesmo quando se tenta fugir da binaridade, ainda se mantém dentro dela.

“Foi por esse motivo que, como eu estava apaixonada por uma mulher, eu estava expressando mais masculinidade e isso fazia sentido para o meu pequeno cérebro heteronormativo que não sabia de nada. Então eu ignorava o fato de que minha namorada também tinha seu lado que era tradicionalmente tido como masculino. Ela era uma mulher forte e independente, assim como os homens por quem eu me atraía também tinham seu lado mais feminino. Eu ignorava que minha namorada não gostasse que eu segurasse a porta para ela – porque eu sentia que isso era algo que eu TINHA que fazer dentro do papel social que eu estava ocupando em relação a ela, afinal, todos os cavalheiros em filmes fazem isso. Eu ignorei que sentia não poder demonstrar vulnerabilidade, mesmo que na época eu estivesse passando por uma depressão, porque eu deveria ser a pessoa forte, protetora, o ombro em que se pode apoiar, e não aquele que deveria se apoiar em outra pessoa. E eu nem mesmo percebia essa heteronormatividade, os tradicionais papéis de gênero e a masculinidade tóxica em que eu estava mergulhada. Só porque eu não estava mais atrelada a uma parte desse sistema, não significava que eu estava fora dele.” (Catherine)

Sobre seu período de aprendizado mais recente à data de publicação do vídeo, seu período da faculdade e de contato com outras pessoas inseridas na comunidade LGBTQI+ e como todas essas vivências tiveram influência sobre Catherine, ela conta da seguinte forma:

“Lá [na universidade] eu me juntei a grupos LGBTQ+ e conheci muitas pessoas novas, mas não encontrei nenhum interesse amoroso para me moldar a ele, então eu percebi que eu deveria aproveitar esse tempo para entender direito como eu sou de verdade. Eu aprendi muito desde então. Encontrei outras pessoas não-binárias e trans, todos do meu curso e do meu grupo. Eu procurei estudar mais a fundo sobre teoria queer e estudos de gênero [...]. Eu trabalhei para me reconectar com minha feminili-

dade, para me livrar dos problemas que eu adquiri por passar tempo demais a ignorando – masculinidade tóxica – e encontrar equilíbrio novamente. Eu tentei chegar a um acordo com minhas identidades queer, acolhendo minha homossexualidade ao invés de tentar me conformar com os padrões heteronormativos em que eu não podia me encaixar e aceitando o fato de que não-binários fazem parte da comunidade trans, e que eu também sou trans, mesmo não sendo trans-binária.” (Catherine)

Após isso, Catherine fala sobre os problemas posteriores que ela veio a ter em relação à sua aparência. Ela não se sentia confortável com seu corpo desde a adolescência, mas ignorou essa questão por bastante tempo, até que viu a necessidade de fazer algo. Com isso, buscou tratamento hormonal, por perceber que isso solucionaria a maioria dos aspectos que a deixava desconfortável com sua aparência física. Ela comenta o que sentiu sobre seu corpo durante sua vida no trecho que segue.

“Eu não podia me olhar no espelho a menos que eu estivesse completamente coberta. Me sentia desconfortável em qualquer coisa em que eu não pudesse esconder meu corpo, chegando ao ponto de ter pavor de tomar banho. Como me deixava desconfortável, eu me afastei dessa questão. Eu continuei me escondendo no meu pequeno e infeliz buraco porque ele era seguro. Eu estava ignorando o meu corpo porque lá no fundo alguma coisa me dizia que se eu parasse de ignorá-lo, o pior poderia acontecer: eu me sentiria horrível, e estava certo.” (Catherine)

Por fim, Catherine conclui o vídeo de sua narrativa afirmando que o aprendizado é constante. Sobre o tratamento hormonal, ela diz que esperou um ano até o primeiro atendimento e que precisará esperar mais um pela lentidão do sistema médico, mas afirma que está acostumada a ser paciente e continuará a fazer o que está a seu alcance. Enquanto isso, trabalha sua transição social e molda seu ato performativo para o que a deixa mais confortável. Catherine diz que um dia vai chegar em um ponto que estará completamente feliz e contente consigo mesma, e isso é o que importa para ela.

4.3. BLUE/CLAIRE/EMERSON

A narrativa presente neste terceiro vídeo é um pouco diferente porque inclui três discursos. Intitulado “We’re raising our child as gender fluid” (Estamos criando nossa filha como gênero fluido), e com duração de sete minutos e quarenta e dois segundos, nele há o discurso de uma família. Essa família é composta por Claire, de 7 anos de idade, Blue, mãe biológica de Claire, que nasceu de um casamento anterior, e Emerson, um homem trans que já teve um casamento lésbico antes de sua transição. No começo do vídeo, Claire conta o que ela entende por transgêneros e não-binários, uma formação que ela tem em decorrência da educação dada por seus pais.

“Transgênero significa que você vem como uma garotinha ou um rapazinho e começa a pensar ‘Ei, eu não me sinto como uma garota, no fim das contas’. Vêm como meninas e são criadas como menino, ou vêm como um menino e são criadas como menina. E não binário significa que você não acredita que seja mesmo uma menina, mas não acredita que seja mesmo um menino.” (Claire)

O discurso de Blue reafirma a importância da performatividade quando ela narra sobre como é sua identidade de gênero. Pela seguinte afirmação dela, é possível dizer que ela se entende como um indivíduo que seja gênero fluido: “Eu me identifico como alguém que está mesmo na área cinza, eu acho. Eu me sinto masculino, eu me sinto feminina, eu gosto de roupas de menino, eu gosto de roupas de menina... eu não sou nem menino nem menina”.

Emerson e Blue contam como eles estruturam a vivência em família em sua casa. Emerson afirma que na casa deles todas as questões de gênero e sexualidade são entendidas e passadas para Claire como sendo fluidas. Ele afirma que: “[...] no que diz respeito à sexualidade e gênero tudo na nossa casa é fluido; “fluido” significando que qualquer um pode gostar de qualquer um e a encorajamos a ser aberta a qualquer tipo de rela-

cionamento, seja com alguém que se identifique com o gênero masculino, feminino, queer, bissexual, o que quer que seja". Para Blue, criar sua filha dessa maneira é importante para que Claire não cresça com as mesmas dificuldades e limitações que ela e Emerson cresceram, para que se descobrir e encontrar não seja tão complicado e árduo como foi para ela e o marido.

"Eu acho que é importante falar com crianças sobre esses aspectos. Por exemplo, nós dois fomos colocadas nessa caixa como meninas desde o nascimento e tivemos essas expectativas jogadas sobre nós, e acho que meninos e meninas, ambos têm essas expectativas que a sociedade coloca neles e, como você [Emerson] disse, são disruptivas e acho que pra muitas pessoas é impossível se encontrar de verdade nessas caixas." (Blue)

Para Claire, mesmo que ainda nova, entender como funciona sua expressão performativa acontece num processo brando e que não a deixa preocupada, ela lida com a forma como se sente e entende de maneira natural. Quando ela conta sobre seu dia a dia, mostra que a ideia que ela tem sobre a fluidez ensinada por seus pais está totalmente pautada pelo masculino e feminino, mostrando em suas roupas, suas atividades e sua fala, a forma como ela entende o mundo ao seu redor e a forma como ela se insere nele através de sua performance social. Para ela, a realidade se mostra como uma dualidade bem definida.

"O que há meio que de diferente em mim e que, às vezes, as outras crianças não fazem são minhas roupas e meu cabelo. Eu visto roupas de menino, ou eu visto roupas de menina ou às vezes eu visto uma blusa de menina e uma calça de menino. Eu fiz um desenho que diz: [apontando para várias partes do desenho em que está escrito] um "lado menino" aqui, "lado menina" aqui, e diz "menino", "menina", "lado menina" e "estilo de menino" porque é isso o que eu faço. [Apontando para si] Essas [roupas] são da sessão masculina e às vezes... no meu armário há roupas de menina." (Claire)

Emerson ainda faz terapia hormonal, e durante todo o processo que ele passa sua filha participa, como as injeções semanais que ele toma em casa, e que Claire conta que ajuda "Colocando um curativo". E Emerson conclui afirmando a importância que ele e Blue dão para o fato de acharem essencialmente importante permitirem que no momento desejado, Claire explore todos os âmbitos de seu gênero e sua sexualidade.

"Acho que a coisa única que temos é nossa abertura quanto a ser *queer* e nosso desejo de criar nossa filha sem nenhum limite do tipo "você é uma garota, você tem que ser assim" ou "você é um garoto, você tem que ser assim". Isso não existe em nossa casa e nunca existirá. Então gostamos de ter certeza que nossa filha saiba que como ela sentir que deve se expressar, assim como nós, está sempre crescendo e mudando e nós encorajamos essa exploração." (Emerson)

Blue conclui reafirmando as colocações de Emerson e concordando com o que foi dito. E ela completa: "Claire é... nós a estamos criando para que ela seja aberta a ser como ela quiser ser sem nenhuma necessidade de rótulo ou identidade e para que ela, no momento certo, descubra, quem ela é assim como nós nos descobrimos", mostrando como a vivência que ela e o marido tiveram até o momento em que estão em suas vidas têm forte influência na decisão que tomaram sobre a forma de educar a filha. Para Claire, sua família é especial, e ter os pais que tem a faz feliz, dizendo que ela fica feliz em saber que Emerson e Blue estejam felizes.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com tudo já apresentado até aqui, concluo este trabalho afirmando que esta é uma pesquisa exploratória. O objetivo presente não foi apontar respostas ou explicar uma conclusão com algum ponto definido, mas sim abrir caminho nos estudos de gênero para que o gênero fluido, assim como as diversas outras novas categorias, receba atenção e seja analisado e discutido de maneira pertinente e por mais pessoas. O tema do gênero

ro que é atualmente entendido como “fluido”, além disso, certamente não foi esgotado por este trabalho, tendo pontos que ainda carecem de maior estudo.

A contribuição da análise deste trabalho, por mais completa que espero ter alcançado, ainda é limitada. Como entendido por Margaret Mead quando publicou sua obra, gênero pode ser visto como um espectro, porém, no atual contexto de nossas sociedades, deve-se ter em mente que discutir sobre relações de gênero é inevitavelmente discutir sobre relações de poder (Moore, 1997). Devido a isso, uma análise mais satisfatória a ser realizada deve ser interseccional, perpassando por outros marcadores sociais que são fruto das relações estabelecidas entre os indivíduos, como os de classe, os étnicos, religiosos, mais a fundo o de sexualidade, entre outros, que não foram o foco deste trabalho, tendo em vista que minha preocupação foi em abordar mais especificamente a categoria em si. A fala seguinte de Henrietta Moore evidencia a importância de uma análise interseccional para pesquisas focadas nos estudos de gênero, quando a autora afirma que

“Todas as formas de mudança social implicam a reelaboração das relações de gênero em maior ou menor grau. Isso porque as mudanças nos sistemas de produção implicam mudanças na divisão sexual do trabalho; conflitos políticos implicam a reconfiguração das relações de poder dentro e além da esfera doméstica; e o gênero, como uma forma poderosa de representação cultural, é envolvido nas lutas emergentes em torno do significado e nas tentativas de redefinir quem e o quê são as pessoas.” (MOORE, 1997, p. 828)

Com as narrativas analisadas, percebo também alguns pontos a se pensar, como a forma que Grace parece tentar alcançar um ideal hiperfeminino que pode vulgarizar a noção do ser mulher ao mesmo tempo que Graydon, performando masculinidade, ainda permanece tendendo para um aspecto que ele entende por feminino e parece, ao mesmo tempo que reforça a binaridade, ter uma construção relativa sobre o que significa ser masculino e ser feminina. E questiono: outros indivíduos gênero fluido agiriam dessa forma ao construir sua expressão de gênero? Uma identidade fluida seria muitas vezes baseada em ideias relativistas e muitas vezes pautadas por noções de hiperfeminilidade e hipermasculinidade?

Na narrativa de Catherine, diferentemente da de Grace, vemos principalmente ser evidenciado a forma como uma performatividade individual é construída e como este é um processo extremamente complexo, além de poder reafirmar que um processo contínuo de estudo e informação é importante e pode ajudar todos que passam por processos assim a se manterem até mais saudáveis quanto às suas questões. O perigo, entretanto, permanece lado a lado na caminhada, e Catherine chama atenção para o fato de que seu discurso é uma experiência individual, e não deve ser entendido como regra.

A vivência da família de Claire mostra como a questão dos estudos de gênero se insere no campo pedagógico e educacional, fazendo pensar sobre a importância da educação em casa passar por esses temas e, mais ainda, a importância de serem inseridas nas escolas essas questões, pois por mais que se tenha uma estrutura saudável de educação nos lares (o que não é frequente, tendo em vista que atualmente a maioria das pessoas não são informadas sobre esses assuntos e estes ainda são tratados como tabus pela sociedade), ainda é mais importante a estrutura com base em estudos e pesquisas científicas que as escolas podem oferecer e assim, ajudar a amenizar tanto problemáticas individuais quanto aquelas geradas nas interações sociais, como a homofobia e o machismo. Entretanto, o âmbito escolar, nesse sentido, ainda necessita muito ser debatido, como faz Guacira Louro e Richard Miskolci. Com influências de Louro, Miskolci debate, por exemplo, uma perspectiva não normativa ou compulsória para a educação ao mesmo tempo que entende a realidade desse ambiente ao ter em vista que o conhecimento científico não é neutro. Ao repensar a educação como voltada para a diversidade e as diferenças, Miskolci afirma que esta pode ser um instrumento de mudança social e que pode possibilitar abrir caminhos para o futuro.

Em todos esses três casos abordados, vemos que o que é entendido por fluido está quase completamente ligado à performatividade de gênero que se observa nas teorias de Judith Butler, que discute, a partir do ato performativo, maneiras de pensar e de re-significar o gênero e seus aspectos políticos e culturais. Apesar de sexo, gênero e sexualidade serem categorias que se relacionam, para esses sujeitos, por meio do que narram, têm-se a impressão de que o gênero permanece mais isolado e destacado, fora os casos que a partir dele houve mais desdobramentos, como o de Catherine.

Por fim, uma questão pertinente que vejo para ser feita com o encerramento deste trabalho e deixo em aberta para quem lê este texto, é também a que o originou. Como pensar um gênero que para existir implica contra muitos conceitos e pretextos fundamentais e essencializa construções que se tenta há tempo desconstruir

e ao mesmo tempo propor uma solução que não apague nem marginalize sua existência, os colocando como sujeitos e corpos abjetos e tendo em mente todos os aspectos que circundam essas vivências? As respostas para esta pergunta e tantas outras que podem surgir estarão postas de forma mais clara a partir de um debate mais aberto, amplo, que alcance os mais diversos âmbitos sociais, e que seja livre de estigmatização e preconceitos, para que assim, disseminando informação para a população, se consiga chegar mais próximo de um ideal de comunidade, empatia e solidariedade, tanto dentro quanto fora do meio LGBTQI+.

REFERENCIAS

ARÁN, Márcia; PEIXOTO JÚNIOR, Carlos Augusto. Subversões do desejo: sobre gênero e subjetividade em Judith Butler. Cadernos Pagu [online]. 2007, n. 28, p. 129-147.

BARCROFT TV. We're raising our child as gender fluid | MY TRANS LIFE. YouTube. 4 fev 2019. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=mXLEoiOHpdo&t=4s>>. Acesso em: 6 nov 2019.

BUTLER, Judith. Regulações de gênero. Cadernos Pagu [online]. 2014, n. 42, p. 249-271.

BUTLER, Judith. Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro, Editora Civilização Brasileira. 4ª ed. 2012.

CAPRONI NETO, Henrique Luiz. Teoria *Queer* e as diferenças. São Paulo, Cadernos de Pesquisa. 2015, vol. 45, n. 155, p. 221-225.

SILVA, Felipe Cazeiro da; SOUZA, Emily Mel de; BEZERRA, Marlos Alves. (Trans)torcendo a norma cisgênera e seus derivados. Florianópolis, Revista Estudos Feministas. 2019, vol. 27, n. 2, 8 p.

DKETTCHEN. Genderfluid person talks about social transition. YouTube. 17 jun 2018. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=wHh4EASE2O>>. Acesso em: 10 nov 2019.

LOURO, Guacira Lopes. Gênero, sexualidade e educação. Petrópolis, Editora Vozes. 6ª ed. 2003.

LOURO, Guacira Lopes. O corpo educado: pedagogias da sexualidade. Belo Horizonte, Autêntica. 2ª ed. 2000

LOURO, Guacira Lopes. Teoria *Queer* - Uma política pós-identitária para a educação. Revista Estudos Feministas [online]. 2001, vol. 9, n. 2, p. 541-551.

MEAD, Margaret. Sexo e temperamento. São Paulo, Editora Perspectiva. 3ª ed. 1988.

MISKOLCI, Richard. Teoria *Queer*: um aprendizado pelas diferenças. Belo Horizonte, Editora Autêntica. 3ª ed. 2018.

MOORE, Henrietta. Understanding sex and gender. Tim Ingold (editor), Companion Encyclopedia of Anthropology. Londres, Routledge, 1997, p. 813-830. Tradução de Júlio Assis Simões, exclusivamente para uso didático.

QUEER IN A MIRROR. Genderfluid tips to look more masculine || NO HAIRCUT ||. YouTube. 6 abr 2018. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=AATQ_hSZRi>. Acesso em: 10 nov 2019.

RODRIGUES, Carla. Butler e a desconstrução do gênero. Revista Estudos Feministas [online]. 2005, vol. 13, n. 1, p. 179-183.

SEADRESA. Welcome to my life | Genderfluid. YouTube. 26 jan 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=GzBKcUD2drc>>. Acesso em: 6 nov 2019.

SEADRESA. What is genderfluidity? | Genderfluid. YouTube. 27 out 2014. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1m0z9XsPzWk>>. Acesso em: 6 nov 2019.